

## Um olhar pioneiro

*Rosa Freire d’Aguilar Furtado*

São 51 páginas em castelhano, letra perfeitamente legível e poucas correções. Como era seu hábito, Celso escreveu-o primeiro à mão. Não a caneta esferográfica, mas a lápis, o que era mais raro. Na folha de rosto, o título “El desarrollo reciente de la economía venezolana (planteamiento de algunos problemas)”. No alto, à direita: “Borrador preliminar. Celso Furtado. Caracas, agosto de 1957”.

Quase meio século depois, numa semana do inverno de 2000, quando fazíamos uma limpeza minuciosa nos armários e gavetas do pequeno apartamento do Alto da Boa Vista, no Rio, Celso teve a satisfação de reencontrar a versão datilografada, em papel fino, desse estudo sobre a Venezuela. Lembrou-se então de muitos fatos ligados à missão, alguns aqui rememorados.

### **Caracas, 1957**

Em maio de 1957, ele chega a Caracas com a incumbência de preparar um estudo sobre a economia venezuelana para a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), onde trabalhava desde 1949. Um ano antes, o secretário-executivo dessa agência das Nações Unidas, Raúl Prebisch, apresentara ao ministro do Fomento da Venezuela, Silvio Gutiérrez, o duplo projeto cepalino: um estudo preliminar sobre a economia nacional e um curso intensivo para formar especialistas em políticas de desenvolvimento, nos moldes daqueles que a Cepal organizava em diversos países do continente: “O esforço que se faça deverá ter por base a análise dos problemas da Venezuela, que costumam ser, em alguns aspectos, muito diferentes dos que existem no resto da América Latina.”<sup>1</sup> Conforme o me-

---

1. Carta de R. Prebisch a S. Gutiérrez, 2 de julho de 1956.

morando de parceria, assinado em 10 de novembro de 1956, o Banco Central da Venezuela ofereceria um escritório à missão da Cepal e o governo contribuiria com 10 mil dólares para pagar profissionais locais, inclusive os professores venezuelanos do curso de capacitação. Celso contava com uma verba de 6 mil dólares para contratar por 500 dólares mensais, durante três meses, quatro auxiliares. Em fins de 1956, ele esquematizou o trabalho que pretendia fazer: são três páginas em castelhano, com o título de *Estudio de la economía venezolana*:

Esse estudo seria basicamente uma análise do desenvolvimento econômico da Venezuela no último decênio (1946-1956), com ênfase particular nos seguintes pontos:

1. Intensidade do crescimento do produto e de seus componentes principais;
2. Modificações na estrutura ocupacional da população;
3. Participação do petróleo no produto; sua importância como fonte de ocupação e de receitas fiscais;
4. O setor exportador como elemento dinâmico no desenvolvimento venezuelano: sua participação direta e indireta na formação de capital;
5. O papel dinâmico do setor público: participação dos investimentos públicos nos investimentos totais; orientação dos investimentos públicos; importância dos investimentos públicos como fonte de emprego;
6. Produção agrícola para exportação. Sua capacidade competitiva; seus custos sociais e o problema dos subsídios;
7. Produção agrícola para o mercado interno. Evolução de seus preços relativos no último decênio. Sua participação na oferta interna de alimentos e de matérias-primas agrícolas;
8. Produção manufatureira. Participação da produção interna na oferta total de manufaturas de consumo final;
9. Participação da produção interna de bens de capital no investimento bruto;
10. Orientação e financiamento dos investimentos. Papel dos recursos externos e do setor petrolífero;

Com base na análise do desenvolvimento no passado recente e nas tendências desse desenvolvimento, tentaremos identificar os principais problemas que poderão se apresentar no futuro imediato. A esse respeito cabe destacar os seguintes pontos:

1. Projeção da capacidade para importar. Que perspectivas se apresentam ao petróleo venezuelano no mercado mundial, no próximo decênio? Que possibilidade haverá de refinar no país uma parte maior do bruto? Que perspectivas tem no país a indústria petroquímica para o mercado interno e para a exportação? Que parte do valor do produto exportado será retida no país?
2. Possibilidade de desenvolvimento industrial. Dimensões do mercado. Economias externas. Nível de proteção requerida. O nível de custos e preços relativos. Perspectivas da indústria siderúrgica.
3. Perspectivas do desenvolvimento agrícola. Principais problemas que se apresentarão à agricultura no futuro imediato.
4. Investimentos de caráter social requeridos pelo desenvolvimento no futuro próximo. Transportes, energia, construção urbana. O problema da preparação da mão-de-obra.

O estudo não pretende superar a fase da identificação dos problemas. Nele não se incluirão recomendações explícitas, embora a análise apresentada possa servir de ponto de partida para outros estudos, a cargo de organismos governamentais, com vistas à política econômica.<sup>2</sup>

A viagem estava prevista para início de 1957, mas a preparação da Conferência da Cepal em La Paz levou Raúl Prebisch a adiá-la para maio. Em setembro, o estudo deveria estar pronto para discussão e revisão na sede, em Santiago. Em seguida, seria utilizado como principal documento do curso de capacitação. Celso teria três meses para dar conta do esboço traçado no final de 1956.

A Venezuela vivia o último ano da ditadura militar de Marcos Pérez Giménez, que se instalara no poder em 1952 após evidências de fraude eleitoral. O general calara a oposição e os jornais, proibira os partidos políticos. Graças à enxurrada de divisas das exportações do petróleo, promovera grandes obras de infra-estrutura. O governo do general-presidente não via com bons olhos quem de-sejasse observar de perto a economia do país e seus eventuais problemas. Celso escreveu em 1985, em seu livro de memórias:

---

2. Arquivo de Celso Furtado (ACF).

Não se necessitava argúcia para perceber que por trás dessas grandes obras corria o dinheiro da corrupção que nutria os sustentáculos da ditadura. Abordei esses aspectos da realidade venezuelana com muita cautela, dando ênfase ao fato de que o país era cada vez mais dependente do petróleo, quando o objetivo a alcançar teria que ser o inverso.<sup>3</sup>

E prosseguiu:

É verdade que trabalhavam conosco alguns dos mais ilustres exilados venezuelanos. Na direção da Divisão de Desenvolvimento Econômico, substituíra-me José Antonio Mayobre, membro da brilhante plêiade de individualidades que estiveram à frente da revolução democrática de 1946.<sup>4</sup>

De Santiago, seu colega chileno Jorge Ahumada, chefe do Programa de Treinamento, o previne de que a visita de um funcionário do Ministério da Fazenda venezuelano “nos deixou com a preocupação de que o curso de Caracas não conta com as simpatias de todos os altos funcionários”.<sup>5</sup> Ora, o êxito de uma missão dessa natureza depende em grande medida da cooperação que o visitante possa estabelecer com os funcionários especializados do país. Por intermédio de Ahumada, Prebisch sugeriu a Celso:

Observe atentamente as resistências que existam, e, caso sejam muito agudas, nos avise. Nesse caso eu faria uma curta viagem a Caracas para falar com o Presidente e pedir-lhe seu respaldo, e se achássemos que não é possível obtê-lo adiariamos a realização do curso para o próximo ano. Mas você terminaria de toda maneira o relatório.<sup>6</sup>

Paralelamente, Ahumada lembra a um diretor do Departamento de Planejamento do Ministério do Fomento da Venezuela que, graças a essas missões, a Cepal vem se esforçando em “contribuir para a compreensão dos problemas latino-americanos”. Reconhece que os problemas de desenvolvimento do país “demandam um en-

---

3. *A fantasia organizada*, Celso Furtado, 1985, arquivo digital.

4. *Ibid.*

5. Carta de J. Ahumada a Celso Furtado, 11 de junho de 1957.

6. *Ibid.*

foque distinto”, e por isso foi escolhido um dos “profissionais mais notáveis e de mais experiência desta Secretaria, o senhor Celso Furtado” para fazer, “mais que um diagnóstico, um inventário preliminar das particularidades” da economia venezuelana.<sup>7</sup>

Essas peculiaridades intrigavam Celso desde 1951. Nesse ano, ele percorreu universidades dos Estados Unidos e, na de Chicago, encontrou

[...] o professor E. J. Hamilton, que havia levantado nos arquivos da Casa das Índias, em Sevilha, informações preciosas sobre o comércio da Espanha com suas colônias americanas e pusera em evidência os efeitos negativos, na economia espanhola, do influxo de metais preciosos nos séculos XVI e XVII [...]. Sua tese de que a prata da América havia caído no telhado da Espanha e escurrido para os países vizinhos, verdadeiros beneficiários, ajudou-me a entender as distorções que a exploração do petróleo estava introduzindo em uma economia como a venezuelana.<sup>8</sup>

Celso instalou-se numa sala do Ministério do Fomento. O tempo era escasso. Contratou auxiliares para tabulações e cálculos feitos em máquinas da era pré-eletrônica. Construiu séries macroeconômicas — “era a primeira vez que isso se fazia no país” — para os anos 1945-1955, “período marcado por formidável expansão da produção petroleira e pelo início da participação do Estado nos lucros dessa indústria”. Percorreu o país num carro equipado com sirene e foi tratado como personalidade internacional. Mas os círculos governamentais do general Pérez Giménez ignoravam o funcionário da Cepal. O economista do Banco Central,

[...] único ajudante qualificado, desapareceu um dia sem deixar qualquer explicação. No terceiro dia de sua ausência, tratei de esclarecer o que ocorrera, mas ninguém no Ministério do Fomento tinha explicação a dar. Finalmente, consegui tomar contato com pessoas de sua família, que me disseram em tom misterioso que ele havia sido transferido para Ciudad Bolívar. Com isso, queriam dizer que havia sido preso.<sup>9</sup>

7. Carta de J. Ahumada a J. Brillembourg, 6 de junho de 1957.

8. *A fantasia organizada*, cit.

9. Ver uma síntese dessa missão em *A fantasia organizada*, cit.

Em agosto, Celso retornou a Santiago com o estudo finalizado.

Na versão datilografada, localizada naquela semana do inverno de 2000, o texto tem 55 páginas, mais 62 de um Anexo Estatístico. O original a lápis, porém, só o encontrei depois de seu falecimento, ao esvaziar o refúgio do Alto da Boa Vista que guardava boa parte da história e da memória de Celso até o exílio iniciado em 1964. Quem datilografou na época o manuscrito — provavelmente uma secretária da Cepal — fez em cada página, com lápis de cera vermelho, um *vê* de *visto* —, o que não era costume de Celso. Cotejando-se o manuscrito com o texto datilografado, percebem-se muitas lacunas, frases truncadas, pulos de até quinze linhas. O estudo sobre a Venezuela, escrito por Celso em 1957, publicado aqui pela primeira vez, corrige os lapsos da versão datilografada.

Em agosto desse ano, o documento começa a circular entre os seus colegas da Cepal. Esses economistas da primeira geração cepalina formavam um pequeno grupo entrosado, que cultivava o diálogo franco sobre projetos e hipóteses, teorias e análises que cada um desenvolvia na sede, em Santiago do Chile, ou em missões pelos países da América Latina. Em setembro, Celso viaja para o Rio, onde dá uma série de conferências no curso de capacitação organizado pela Cepal em parceria com o BNDE (hoje BNDES).<sup>10</sup> Em outubro, parte para Cambridge, Inglaterra, onde passa o ano letivo de 1957-1958. As cartas de seus colegas contêm comentários que, não fossem essas duas viagens, não teriam deixado rastro. Elas fornecem pistas para se compreender por que nem o governo venezuelano nem a Cepal divulgaram — e sequer utilizaram — o estudo encomendado a Celso.

Seus correspondentes o felicitam pelo trabalho conciso e profundo, e destacam tópicos abordados no estudo: o que se refere aos salários elevados pagos no país e o que analisa a sobrevalorização da taxa de câmbio. Em sua longa carta do mês de agosto, Jorge Ahumada começa com um resumo das teses que Celso apresentara, a saber: a economia da Venezuela crescera mas sua estrutura econômica não

---

10. Ver *Perspectivas da economia brasileira*, Celso Furtado, Rio de Janeiro, ISEB, 1958; republicado em *Cadernos do Desenvolvimento*, ano 1, nº 2, p. 177-234, Rio de Janeiro, Centro Celso Furtado, 2006, e em [www.centrocelsofurtado.org.br](http://www.centrocelsofurtado.org.br).

se modificou a ponto de garantir à população o nível de renda de que goza naquele momento; o desenvolvimento foi desarmônico, pois alguns setores ficaram muito para trás; o atraso se manifesta no lento crescimento da produtividade e na lenta absorção da mão-de-obra ocupada; a crescente diferenciação da produtividade setorial acentuou a desigualdade na distribuição da renda; agiu na mesma direção a sobrevalorização cambial; a sobrevalorização elevou o nível de salários acima dos outros países que concorrem no mercado venezuelano e dificultou a mudança de estrutura pela via da substituição das importações. Ahumada prossegue:

Estou totalmente de acordo com a tese de que a estrutura da produção venezuelana deve mudar e também o estão os próprios venezuelanos. O velho *slogan* de semear o petróleo, transformado agora em “colher o petróleo”, tem justamente esse sentido.

O desacordo se manifesta quanto à sobrevalorização da taxa de câmbio apontada por Celso:

Você acha que a sobrevalorização foi necessária para que a economia pudesse absorver a corrente de divisas que o petróleo produziu. A tese não me parece correta já que se a propensão marginal para importar é constante não há nenhuma razão para que a economia não possa absorver qualquer quantidade adicional de divisas. [...] A noção da sobrevalorização está intimamente ligada à sua idéia de que o nível de salários monetários é muito alto na Venezuela em relação aos países que concorrem nesse mercado. Não estou muito certo de que essa seja uma afirmação de acordo com a realidade. Tenho diante de mim as diárias pagas ao trabalhador não qualificado em 1955 em sete cidades e onze grupos industriais, e o mais comum é de 8 a 10 bolívares diários. Tendo presente que nos Estados Unidos o mínimo legal deve ser em torno de 1,5 dólar por hora, o salário venezuelano não parece alto.<sup>11</sup>

Ahumada concorda, porém, que, qualquer que seja a base de cálculo, os salários dos empregados pouco capacitados e as remunerações dos profissionais com algum preparo são muito altos na Venezuela. O que se explica, diz ele, por ser o governo o principal

---

11. Carta de J. Ahumada a Celso Furtado, 24 de agosto de 1957.

empregador do primeiro grupo e as companhias petroleiras, do segundo. “Este não é mais que um aspecto da questão da grande desigualdade na distribuição da renda. Também parecem muito altas as margens de lucro e os custos de distribuição.” Envia cópia das observações a Raúl Presbisch.

Do México, onde trabalhava na subseção da Cepal, o economista Víctor Urquidi, responsável por um estudo sobre a Venezuela feito em 1948, tinha uma interpretação distinta quanto à sobrevalorização:

Acho muito acertado o enfoque que você tem do problema venezuelano, em particular o da sobrevalorização do bolívar em relação à produtividade do setor não petrolífero. Um ponto que me suscita dúvidas é se você não dá por muito evidente a existência de mecanismos adequados para a canalização da poupança privada para o investimento privado, isto é, supondo que se melhorar a orientação do gasto público, que se eleve o nível de educação e treinamento, se adotem medidas de proteção e em geral se criem condições que estimulem ao investimento privado, não haverá obstáculos de caráter institucional e bancário para que esses investimentos se realizem?<sup>12</sup>

O mexicano Juan Noyola, sem dúvida o amigo mais próximo de Celso na Cepal, enfatiza dois outros aspectos do estudo:

Creio que você conseguiu de forma superlativa algo que sempre estive em seus trabalhos anteriores e especialmente no seu livro sobre o Brasil [*A economia brasileira*, 1954]: captar o essencial e distintivo do fenômeno em estudo. Não creio que se possam colocar em termos mais exatos as características singulares do desenvolvimento venezuelano. [...] Passando a aspectos mais concretos, a idéia que me pareceu mais sugestiva foi destacar a escassez de pessoal qualificado como o fator limitante do desenvolvimento em suas etapas intermediárias, em contraste com a escassez de capital nas fases iniciais e a escassez de mão-de-obra nas economias maduras. Nesse sentido, acho que é decisivo ter destacado a diferença substancial entre os investimentos em capital social básico e os investimentos na indústria manufatureira.

---

12. Carta de V. Urquidi a Celso Furtado, 12 de setembro de 1957.

Noyola enxerga de outro ângulo a sobrevalorização do bolívar:

Há outros traços do desenvolvimento econômico da Venezuela que você observou, [...] me refiro ao problema da sobrevalorização da taxa de câmbio e seu efeito no sistema de preços, em especial na relação entre salários monetários e produtividade do trabalho. Creio que esse fenômeno é ainda mais marcado no caso do Panamá e que as suas observações são plenamente aplicáveis aí. Devo lhe dizer que Osvaldo [Sunkel] preparou um esquema dos problemas fundamentais do desenvolvimento do Panamá, e, sem conhecer o seu estudo sobre a Venezuela, assinalou em primeiro lugar o fato de que a estrutura e o nível de preços do Panamá são iguais aos dos Estados Unidos, e as limitações que isso impõe à absorção do excedente da mão-de-obra.<sup>13</sup>

Por fim, uma observação do venezuelano José Antonio Mayobre, que substituíra Celso na chefia da Divisão de Desenvolvimento Econômico. Mayobre, exilado no Chile, falou a respeito do trabalho com Prebisch:

Estamos esperando que chegue Jorge Ahumada em final de dezembro para ver com ele a utilização que deu ao estudo e as indagações que tenham feito a respeito de alguns pontos polêmicos do mesmo.<sup>14</sup>

Às vésperas do Natal de 1957, quando Celso já está no King's College de Cambridge, a convite de Nicholas Kaldor, o futuro do estudo parece se definir em Santiago:

Em relação ao trabalho da Venezuela, as pessoas que chegam me informam que, reconhecendo o trabalho imenso que você fez em tão pouco tempo, acreditam que o enfoque sobre o problema da moeda não é acertado e, mais ainda, poderia dar uma arma às companhias petrolíferas para modificar em seu favor a taxa de câmbio. Por isso querem que não se publique o estudo.<sup>15</sup>

Não é preciso dizer mais. Como na carta de Mayobre não se identificam *as pessoas*, vale dar a palavra a Celso:

---

13. Carta de J. Noyola a Celso Furtado, 2 de outubro de 1957.

14. Carta de J. A. Mayobre a Celso Furtado, 17 de outubro de 1957.

15. Carta de J. A. Mayobre a Celso Furtado, 23 de dezembro de 1957.

Por mais cauteloso que eu houvesse sido na redação do texto, ao tomar conhecimento dele o ministro do Fomento advertiu-me de que eu não deveria passar cópia a ninguém antes que o governo venezuelano deliberasse sobre o assunto. A decisão foi peremptória: o trabalho não deveria circular na Venezuela, e muito menos fora dela. Comunicou-se à Cepal que o governo venezuelano considerava o trabalho como *não existente* para qualquer fim. Evidentemente, guardei a minha cópia, que levei a Santiago para conhecimento de Prebisch e Mayobre.

Desagradou-me que a direção da Cepal aceitasse organizar o curso de capacitação sem que o trabalho pudesse ser utilizado como material de estudo. Segundo consta, nesse curso o estudo *não existente* pairava no ar como um fantasma, havendo mais de um aluno (muitos eram militares) se vangloriado de tê-lo lido.

Em janeiro do ano seguinte, com a queda da ditadura, o fantasma foi exorcizado e [o estudo] circulou amplamente, transformando-se em uma das mais importantes referências no amplo debate que emergiu com a redemocratização, mas não chegou a ser publicado pela Cepal, continuando ausente de seu catálogo.<sup>16</sup>

Um ano depois da missão em Caracas, quando a Venezuela reencontrou-se com a democracia e José Antonio Mayobre era ministro da Fazenda, um funcionário do Ministério revelou a Celso que

[...] o estudo foi divulgado pela Direção de Indústria do Ministério do Fomento, mas o trabalho, na maioria dos casos, foi apresentado como dirigido pelo diretor de turno, e só de modo acidental se faz referência ao seu nome.<sup>17</sup>

Ora texto anônimo, ora com autoria desviada, ora reconhecida atribuído a Celso, o trabalho sobre a Venezuela seguiu seu curso e terminou nos arquivos do Banco Central da Venezuela.<sup>18</sup> Em

16. *A fantasia organizada*, cit.

17. Carta de J. Salazar a Celso Furtado, 4 de agosto de 1958.

18. Em 2005, o professor Carlos Medeiros, da UFRJ, teve acesso a uma cópia do estudo, hoje guardada na biblioteca da universidade. Ver “Celso Furtado e a economia política da abundância de divisas”, de Carlos Aguiar de Medeiros, em *Celso Furtado e o século XXI*, João Saboia e Fernando J. Cardim de Carvalho (orgs.), São Paulo, ed. Manole, 2006.

1959, Alexander Ganz, um dos poucos economistas americanos na primeira geração de cepalinos, escreveu a Celso, de Caracas, que

[...] você talvez se interesse em saber que o seu estudo de 1956 [sic] e as estimativas macroeconômicas continuam a ser o material de trabalho primário de (1) a Oficina de Planejamento (o Cordiplan e Jacques Torfs, seu principal especialista), (2) a missão do Banco Mundial aqui, (3) o Ministério do Fomento e o CVE, (4) Vuskovic, Hopenhayn e Mayobre, e (5) o grupo de política fiscal de Shoup, e todos os outros interessados na macroeconomia.<sup>19</sup>

O arquivamento do estudo não contribuiu para a decisão de Celso se afastar da Cepal, pois antes mesmo de iniciar a revisão do texto ele já havia encaminhado à Secretaria o pedido de um ano de licença sem vencimentos, para estudar em Cambridge. Mas o arquivamento pode ter lhe indicado o acerto de sua decisão. Em Cambridge, se dedicaria a destrinchar outro país latino-americano: o Brasil. O trabalho empreendido, longe de ser arquivado, se tornaria o clássico *Formação econômica do Brasil*.

### **Caracas, 1974**

No primeiro semestre de 1974, Celso Furtado voltou à Universidade de Cambridge, agora como titular da Cátedra Simón Bolívar, dedicada ao estudo das economias latino-americanas. Em meio a intensa atividade acadêmica, que incluiu um ciclo de conferências sobre a economia brasileira, outro para professores sobre a teoria do subdesenvolvimento, e o curso de economia da América Latina para estudantes graduados e pesquisadores, Celso recebeu um convite do ministro do Planejamento da Venezuela, Gumersindo Rodríguez, para visitar o país. A Venezuela estaria interessada “em obter sua assessoria no campo do desenvolvimento econômico, com especial ênfase no desenvolvimento regional”.<sup>20</sup>

Na primeira semana de julho, encerrado o ano letivo europeu, Celso voou para Caracas. Embora não mantivesse um diário, ocasionalmente, em viagem ou à saída de encontros que julgava importan-

19. Carta de A. Ganz a Celso Furtado, 31 de outubro de 1959.

20. Carta de G. Rodríguez a Celso Furtado, 8 de abril de 1974.

tes, fazia anotações, raramente pessoais, em geral reflexões. No caderno que costumava levar na maleta de mão anotou, em 8 de julho:

Primeiro contato com esta cidade. Não pode haver maior evidência de que o subdesenvolvimento é uma maneira deformada de acumular capital. Caracas é uma criação do automóvel: imensos capitais foram imobilizados para criar este corpo pesado que funciona queimando os *royalties* do petróleo.

Transplantação da forma de viver da civilização mais capitalizada do mundo — os Estados Unidos — para um país que vive dependendo um recurso não renovável. Somente os custos de manutenção das estruturas materiais que suportam essa forma de vida já representam um enorme sorvedouro de recursos.

E como evitar que a população toda do país deseje acampar em torno a esse espetáculo, esperando ter acesso a alguma de suas benesses? Por uma ironia criada pela topografia, essas massas se instalaram dentro da própria cidade, nas colinas que permeiam o vale. Assim, a supermodernidade dos viadutos e edifícios de apartamentos exhibe permanentemente no espelho a contrapartida representada pelo mar de *ranchos* em que se abrigam os espectadores invejosos.

Como governar este país sem estar absorvido pelos problemas do curto prazo? Como conciliar, mesmo no espírito, tantas possibilidades de fazer coisas — de certa forma, os recursos são ilimitados — com a agravação permanente dos problemas? Para que este mundo funcione, *devem* se reproduzir formas de vida que tendem a impedir que os outros problemas se resolvam.<sup>21</sup>

No dia seguinte, *El Nacional*, o grande jornal da Venezuela, publicava uma charge registrando sua presença: “A *Celso Furtado se le va a quebrar el serrucho con la carraplana!*” (algo como: “Celso Furtado vai quebrar a cuca com o miserê!”)

Carlos Andrés Pérez iniciava naquele ano seu primeiro mandato presidencial. Do programa constava transformar o petróleo — que pouco depois ele nacionalizaria — na alavanca para o desenvolvimento. Em 10 de julho, o presidente convidou Celso para um almoço de trabalho com os ministros da área econômica: o próprio

---

21. Arquivo de Celso Furtado, cit.

Gumersindo Rodríguez, Hector Hurtado, da Fazenda, os ministros do Fomento e da Agricultura, e o presidente da Comissão Econômica da Câmara dos Deputados. Em notas manuscritas, depois retomadas em *Os ares do mundo*, Celso registrou:

Carlos Andrés Pérez é homem com óbvia capacidade para liderar. [...] Tem perfeita consciência de que a Venezuela se encontra em posição de força graças à fantástica elevação do preço do petróleo e pretende tirar proveito dessa situação. [...] Solicitou-me que expressasse com franqueza minha opinião sobre as perspectivas do país e colocou à minha disposição meios para visitar instituições e projetos em via de execução. Agradei ao presidente e assegurei-lhe que no fim de minha estada daria por escrito a resposta, se algo houvesse a dizer que justificasse ocupar o seu tempo. Não assumia, de início, nenhum compromisso, e em nenhuma hipótese receberia qualquer remuneração. Os venezuelanos, parecia-me, dispunham potencialmente de recursos para quebrar os grilhões do subdesenvolvimento, mas será que saberiam utilizá-los? Eu me sentiria satisfeito se pudesse contribuir, de alguma forma, para que a barreira do subdesenvolvimento fosse rompida pela primeira vez na América Latina.<sup>22</sup>

Celso retornou ao Brasil em meados de julho para participar da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Recife. Era a primeira vez que regressava ao Nordeste desde o golpe de 1964, que cassara seus direitos políticos por dez anos. Em agosto, estava de volta à Venezuela. Visitou todo o país — a região de Caracas e arredores, Maracaibo e as extensões para o Tablazo, e o local do complexo siderúrgico, a região norte-oriental entre Barcelona e Cumaná. Em Guayana, observou o funcionamento das corporações de desenvolvimento dessas regiões. Em Puerto la Cruz, um jantar de gala lhe inspirou anotações saborosas:

Discurso do governador, outros de representantes das “forças vivas”, agradecimento à altura das circunstâncias. O quadro é exatamente aquele que conheci antanho: região relativamente deprimida, mas com um horizonte já aberto. Todo mundo se sente

---

22. *Os ares do mundo*, Celso Furtado, arquivo digital.

um pouco o autor da renovação. [...] Banquete regado a uísque *black label*, não somente o aperitivo, em que circularam várias rodas de uísque, mas durante todo o banquete. [...] Personagens antigos meus conhecidos: o industrial local de êxito que diz que tudo fez sem nenhuma ajuda do governo; na verdade, as matérias-primas que importa têm considerável subsídio público; “ah, sim, isso é verdade. Por que não ajudar com mais crédito aqueles que estão efetivamente fazendo a riqueza da região?” Que pensar? A riqueza se concentra assim, ajudando os que enriquecem a região. E também o líder operário que esteve doze vezes na prisão e está ali vigilante para que se criem “oportunidades de emprego”. E o jovem tecnocrata, formado no estrangeiro, tomador de uísque, com explicação para tudo. Tudo já visto.<sup>23</sup>

Em início de setembro, datilografou um texto em castelhano com observações sobre o país. Assim como o estudo de 1957 que fizera em missão da Cepal — e embora por motivos distintos —, o texto de 1974 ficou inédito. Quando, no início da década de 1990, Celso escrevia em Paris seu livro de memórias *Os ares do mundo*, encontrou a cópia carbono do texto datilografado, que estava numa pasta de documentos sobre viagens acadêmicas: “Notas sobre a economia venezuelana (e suas perspectivas atuais)”. Datado de 10 de setembro, com dezenove páginas. O original fora encaminhado às autoridades governamentais. Na pasta também estava o manuscrito do trabalho, datado de 9 de setembro de 1974, com trinta folhas de um bloco pautado. “Notas...” foi quase todo incluído no livro *Os ares do mundo*. Aqui o reproduzimos na íntegra.

Durante essa viagem à Venezuela, Celso aceitara participar do projeto de criação de um curso de pós-graduação em economia do setor público. O objetivo era formar profissionais capazes de agir numa situação excepcional de abundância de recursos financeiros, avolumados pelo fantástico aumento do preço do petróleo que se seguiria à guerra do Yom Kippur. No documento de três páginas que elaborou para esse projeto, sob o nome “Maestría en economía del sector publico venezolano”, e datado de setembro de 1974, Celso pondera que

---

23. Notas de 12 de julho de 1974. Arquivo pessoal.

[...] muitos dos principais problemas que se colocam no presente ao Estado venezuelano são qualitativamente diferentes daqueles que conheceram e conhecem tanto os países desenvolvidos como os subdesenvolvidos. [...] Nenhum dos países que se inseriram no sistema de divisão internacional do trabalho como exportadores de matérias-primas e atrasaram sua industrialização até o terceiro decênio do presente século conseguiu passar a barreira que separa subdesenvolvimento e desenvolvimento.<sup>24</sup>

Permeia o documento a convicção de que

[...] apresenta-se à Venezuela, claramente, a possibilidade de seguir um curso histórico distinto, vale dizer, dar o salto qualitativo que separa subdesenvolvimento e desenvolvimento. Evidentemente, trata-se de simples possibilidade histórica.<sup>25</sup>

A idéia retorna na longa entrevista concedida ao jornal *El Nacional*, de Caracas, em 15 de setembro de 1974, publicada neste volume:

A Venezuela tem uma possibilidade real de passar do subdesenvolvimento ao desenvolvimento, mas só através de um projeto político, não através da dinâmica espontânea do sistema econômico. Este momento venezuelano não se repete muitas vezes na história dos povos. Não permitam que se perca esse momento estelar.<sup>26</sup>

Em 1978, Celso volta a Caracas para participar de um seminário acadêmico. Era o último ano do mandato de Carlos Andrés Pérez e vivia-se a campanha presidencial que daria a vitória, em 1979, a Luiz Herrera Campins, do Copei, partido de centro-direita. Por conta do aumento do preço do petróleo, o país conhecera, nesse intervalo, o fastígio do que então se chamava a “Venezuela Saudita”. Com a experiência de quem visitava regularmente a Venezuela há vinte anos e fizera dois estudos aprofundados sobre sua economia, Celso escreveu:

---

24. “Maestría en economía del sector público venezolano”, Celso Furtado, setembro de 1974. Arquivo pessoal.

25. *Ibid.*

26. Entrevista a Lorenzo Batallán, *El Nacional*, Caracas, 15 de setembro de 1974.

Quatro anos chovendo ouro em cima deste país! Uma experiência histórica que merece ser seriamente estudada. As estruturas sociais se deslocaram. Digamos que todos os grupos sociais tenham recebido algum benefício: os subsídios ao consumo atingiram o conjunto da população. Mas os subsídios absorvidos pelos grupos de renda média e alta cresceu todo o tempo. [...] As transformações que haviam ocorrido eram consideráveis. A chuva de dinheiro tivera o efeito de verdadeira enxurrada. Dizia-se correntemente que o país havia tomado um *porre* e precisava de algum tempo para recuperar o equilíbrio.<sup>27</sup>

No estudo de 1957, Celso apontara para a necessidade de industrializar o país, de aplicar uma nova política fiscal e cambial. O zelo ditatorial de Pérez Giménez não deixou que se divulgasse, à época, o parecer técnico de um especialista das Nações Unidas. Nas “Notas...” de 1974, Celso alertara para a peculiaridade de uma economia que corria o risco de ficar cada vez mais dependente da receita do petróleo, quando o objetivo deveria ser o inverso. Alertava também para as distorções que a dependência em relação a *commodities* introduzia na economia venezuelana. Ainda assim, considerava possível o país deixar para trás o subdesenvolvimento. Passados meio século do primeiro estudo, mais de trinta do segundo, soa mais doloroso o tom de decepção que Celso deixou escapar ao rememorar o esforço intelectual que fizera para entender o país:

A única coisa certa era que a oportunidade de saltar por cima do subdesenvolvimento se perdera.<sup>28</sup>

O otimismo declinara. Mas a advertência contida na entrevista de 1974 continua a ecoar sua pertinência na realidade latino-americana deste início de século. Mais que nunca as economias da periferia do capitalismo debatem-se com desafios cuja superação Celso Furtado condicionara a iniciativas políticas associadas a uma agenda de desenvolvimento independente, capaz de responder aos anseios e desafios inscritos na luta que foi a dele.

---

27. *Os ares do mundo*, cit.

28. *Ibid.*